



## SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA XXVIII SIC

paz no plural



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2016: SIC - XXVIII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2016
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	Potência clínica das memórias da loucura: os arquivistas e a Reforma Psiquiátrica
<b>Autor</b>	GIOVANNI BOMBARDELLI GABE
<b>Orientador</b>	TANIA MARA GALLI FONSECA

**Trabalho:** Potência clínica das memórias da loucura: os arquivistas e a Reforma Psiquiátrica

**Nome do autor:** Giovanni Bombardelli Gabe

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Tania Mara Galli Fonseca

**Instituição de origem:** Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS (PPGPSI/UFRGS)

Este trabalho vincula-se ao plano de pesquisa “Catalogar para não esquecer”, e faz parte do núcleo “Clínica, Subjetividade e Política” do PPGPSI/UFRGS. A pesquisa toma como campo de análise e desenvolvimento de pesquisa do Acervo de obras expressivas da Oficina de Criatividade (OC) do Hospital Psiquiátrico São Pedro (HPSP). Este território, criado em 1990 em consonância com o movimento da Reforma Psiquiátrica, vem sendo um espaço de usufruto de pacientes internos e externos (advindos dos serviços de referência), com fins de produção de um material artístico, como uma oficina de imagens do inconsciente. Os valores históricos e sociais destes materiais legitimam a memória a partir do processo de catalogação, vindo a oficializar um espaço-tempo em que se encontra o testemunho de *vidas do fora*, marginalizadas do convívio social por um regime de esquadramento da loucura. É dada a convivência da memória de prontuários e elementos discursivos de classe médica-psiquiátrica com as obras de arte, na produção de enunciados discursivos sobre o ambiente manicomial. Assim, nossas tarefas enquanto arquivistas vão desde a organização, a catalogação e a manutenção destes materiais, assim como a pesquisa e a produção de conhecimentos numa abordagem crítica. Vemo-nos diante da necessidade de uma constante adaptação metodológica para lidar com esse espaço marulhoso, no qual consignamos na produção de cortes no montante das mais de cem mil obras do Acervo. O trabalho da consolidação das coleções de cada paciente é também um trabalho de transformar a vivência em experiência, de ir a contrapelo do campo empírico extensivo da matéria para dar a ver os regimes de invisibilidade presentes nesse material. Tornar visível o que foi invisibilizado por um regime de poder enunciativo de uma época é um dos trabalhos que a produção teórica de Michel Foucault, Gilles Deleuze, Walter Benjamin, Didi-Huberman tem nos possibilitado. Os conceitos desses autores, como Liso-Estriado, Mal de Arquivo, Produção de Enunciado, Aura, nos oferecem um convite a atuar de outra maneira nesse campo de memória, experiência e linguagem, dando sentido ao título de nossa pesquisa que considera o Acervo de obras como um arquivo a ser aberto de modo crítico para tornar-se espaço aurático, ou seja, espaço a ser recriado pelas possíveis decifrações provindas dos arquivistas em sua busca de outras legibilidades e figurabilidades possíveis. Trata-se, enfim, de um esforço na contramão da história oficial e tradicional da loucura, alinhado aos princípios antimanicomiais da Reforma Psiquiátrica.